

LUIZ FERNANDO FIGUEIREDO***'Temos uma economia que já saiu do hospital'***

• BRASÍLIA: O Brasil está vivendo a síndrome da crise. É assim que o diretor de Política Monetária do Banco Central, Luiz Fernando Figueiredo, resume o clima de apreensão que voltou a dominar a economia nos últimos dias. Figueiredo diz que a inflação ainda não está de volta.

Sheila D'Amorim

O GLOBO: *A inflação voltou a preocupar?*

FIGUEIREDO: Ainda estamos com a síndrome das crises. As pessoas acham que coisas sazonais acabam movendo o todo de uma maneira significativa, o que não é verdade. Em novembro, os supermercados se surpreenderam com a baixa demanda. Ocorreram alguns aumentos e a demanda caiu. Em vários casos eles tiveram que reduzir preços. A indústria automobilística subiu o preço 12,6% e as concessionárias aumentaram 4%, 5%. Mas o índice captou 12,6% de uma vez só. Se não tem demanda crescendo, o aumento de preço tem vida curta.

• *Mas o crescimento da economia em 2000 não pressionará os preços?*

FIGUEIREDO: A questão a discutir é o nível do aumento de demanda. Se tem um aumento intenso, é uma coisa. A outra é um aumento como está ocorrendo hoje, absolutamente gradual. Um crescimento de 4% está dentro do potencial de crescimento natural do PIB. Isso não gera aumento de demanda suficiente para repasse forte para o preço.

• *Então, o senhor não vê riscos de estourar a meta de inflação?*

FIGUEIREDO: Não há nada que nos diga que estejamos saindo da trajetória correta da nossa meta.

• *Então por que o Copom, na sua última reunião, não reduziu os juros?*

FIGUEIREDO: O fato de o BC não ter baixado a taxa de juros não quer dizer que isso não pode acontecer no futuro.

• *Qual a influência das oscilações no câmbio na alta da inflação?*

FIGUEIREDO: O impacto na economia é dado a qualquer taxa de câmbio por um período longo e não um período curto. Se o câmbio subiu ou caiu um dia, não estará impactando a inflação. A projeção do balanço de pagamento para o ano que vem é bastante superavitário a partir do início do ano. O câmbio depende do fluxo, não do BC.

• *Então o senhor acha que não há crise?*

FIGUEIREDO: Temos uma economia que já saiu do hospital. Ela voltou para casa e já está normal. Os sinais estão normais. A atividade está voltando a crescer, as empresas estão com mais confiança para investir. Tudo está acontecendo de forma gradual. Temos que sair dessa armadilha de achar sempre que estamos em crise. Nós não estamos em crise. A nossa performance fiscal foi exemplar e esse é o nosso grande fundamento de curto, médio e longo prazo.